extremos
34º Encontro Nacional anpap FURG Rio Grande/RS

PORTFÓLIO COMO ESTRATÉGIA AVALIATIVA NO COMPONENTE CURRICULAR ARTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM ALAGOAS

Lucas Nascimento Carvalho[1]
Professor de Arte nas secretarias estaduais de educação de Alagoas e Pernambuco.
Associado/a/e ANPAP: não.

RESUMO
A proposta deste resumo expandido é apresentar os resultados de uma pesquisa/objeto de estudo de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Artes (ProfArtes - IHAC/UFBA), sobre o portfólio como possibilidade de instrumento avaliativo em Arte. A pesquisa teve como público coparticipativo estudantes da 1º série do Novo Ensino Médio (NEM), no ano letivo de 2024, da Escola Estadual Professor José Quintella Cavalcanti, em Arapiraca - AL. A metodologia de pesquisa utilizada assume um caráter científico de pesquisa social PAP (Pesquisa Ação – Participante). A pesquisa trata sobre avaliação da aprendizagem, avaliação em artes visuais e as possíveis interlocuções com o portfólio.

PALAVRAS-CHAVE
Avaliação da aprendizagem, Avaliação em Arte, Portfólio.

O presente resumo expandido apresenta os resultados de uma pesquisa/objeto de estudo de mestrado, realizado no Programa de Pós-Graduação em Artes (ProfArtes-IHAC/UFBA). A pesquisa teve como objetivo geral refletir e analisar os processos de avaliação e práticas avaliativas no componente curricular - Arte²; e objetivo específico, propor a construção e utilização do portfólio como um dos instrumentos avaliativos validados pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC - AL).

A pesquisa teve como público coparticipativo estudantes da 1º série, do Novo Ensino Médio (NEM), turma 02 - matutino, da Escola Estadual de Educação Básica Professor José Quintella Cavalcanti, em Arapiraca - AL. O experimento da pesquisa foi realizado durante o 1º semestre de 2024, compreendendo o 1º e 2º bimestre do ano letivo, e como resultado, a construção de 51 portfólios individuais baseados nos conteúdos abordados de maneira teórica e prática, com as vivências artísticas que alimentaram esse processo e possibilitaram o protagonismo dos próprios estudantes frente ao aprendizado em Arte. O resultado do experimento também originou uma proposta pedagógica para docentes de Arte.

[1] Mestre em Artes (ProfArtes - IHAC/UFBA); Especialista em Arte-educação (SENAC); Especialista em Linguagens, suas tecnologias e Mundo do trabalho (CEAD/UFPI); Licenciado em Desenho e Plástica (EBA/UFBA) e Bacharel em Design (UNIFACS). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/6963595921673133. Orcid: https://orcid.org/0009-0003-3934-5591.

A metodologia utilizada assume um caráter científico de pesquisa social PAP (Pesquisa Ação – Participante). Foram realizados avaliações diagnósticas no 1º bimestre e ao final do 2º bimestre no qual as respostas foram socializadas trazendo à tona a participação dos estudantes, ao mesmo tempo que, esses resultados subsidiaram uma entrevista coletiva de abordagem qualitativa que, segundo Lakatos et al. (1990), se estruturou em 'semiestruturada ou não-estruturada' com perguntas abertas, em roteiro indicativo, a serem feitas como uma conversação informal, sem ordem específica, incrementando também configuração clínica – com perguntas específicas para estudar motivações, sentimentos e condutas. Essa coleta de respostas foi analisada a partir de técnicas projetuais para fomentar a concretude de ideias conceptivas de portfólio e como utilizá-lo enquanto instrumento avaliativo em consonância aos autores e dispositivos legais da educação.

Estudos sobre avaliação e processos de aprendizagens nos levam para uma concepção que perpassa a investigação e métodos avaliativos. Infelizmente, ainda reproduzimos, muita das vezes, métodos de avaliação que visam apenas resultados quantitativos e tabelares. Frente a essas circunstâncias explanadas, temos o seguinte problema in loco na escola em que leciono, o não uso do portfólio como instrumento avaliativo mediante outros instrumentos, ambos, validados pela rede estadual de ensino. Sendo assim, a pesquisa desenvolvida tem como finalidade ser uma referência de aporte teórico-prático para docentes e pesquisadores do ensino de arte[3].

Para a Arte, assim como qualquer outro componente do ensino básico, se faz necessário avaliar o aprendizado do educando. Sobre isso, Hernández (2000) esclarece algumas razões, a saber: o motivo dos educandos precisarem saber o que estão estudando, a relação com os objetivos dentre as finalidades educativas da disciplina e a valorização do ensino ministrado. Muitas denominações são indicadas em dicionários para subsidiar o conceito de avaliação. Para além da etimologia da palavra, necessitamos compreender que o sentido maior de avaliar objetiva a plena aquisição de conhecimento e que ao longo do processo seja eficientemente satisfatório. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs, 2013) indicam a avaliação da aprendizagem como uma das três grandes dimensões avaliativas que, por sua vez, deve assumir o caráter educativo de viabilizar ao estudante a análise de seu percurso trazendo à tona o reconhecimento de suas potencialidades.

Partindo desse pressuposto, avaliar também está enviesado com a relação afetiva que permeia a formação integral dos educandos tornando-se pontes entre o sujeito e o objeto de estudo; arrazoar sobre afetividade nos parâmetros avaliativos segundo Leite (2011), fomenta relações concretas de mediação formativa, evitando o fracasso escolar constituído de índices de repetência e evasão. Esse autor ainda aponta configurações mediadoras ao combate da repetência e evasão escolar, tais configurações podem ser expostas como a escolha dos objetivos de ensino, organização dos conteúdos e escolha de procedimentos de avaliação. Vasconcellos (2007), ainda apresenta alternativas que impulsionam essa transformação que dependem do desejo de mudança do professor se assim quiser pôr em prática uma metodologia participativa entre saberes em sala de aula como diminuir a ênfase em

avaliações classificatórias nos níveis de ensino por redimensionar o conteúdo avaliativo; alterar a postura mediante os resultados e conscientizar a comunidade escolar dessa construção avaliativa.

Ressalto nessa conjuntura que avaliar não é uma tarefa simples, pelo contrário, é um dos principais desafios na escola. E, muita das vezes, seja por falta de qualificação, sistema ou comodismo, avaliamos os estudantes de tal maneira que acabamos suprimindo duas condições para a construção do conhecimento: primeiro a confiança de que os estudantes podem e devem construir seu aprendizado e segundo a valorização de seus múltiplos interesses. Uma prática avaliativa que objetiva a construção de conhecimento exige de nós docentes aprofundamentos pedagógicos que permitam conectar o estudante à ciência e ao conhecimento.

Reconhecer as múltiplas formas de concepções de arte no mundo pode facilitar nossa didática se considerarmos alguns pontos importantes como o repertório de conhecimento que o estudante traz em outras vivências para além de escola; nas possíveis resoluções de problemas que instigam a criatividade em território fertil - a sala de aula; e o caráter construtivista de um ensino de arte transdisciplinar, como ressalta Oliveira et al. (2009).

Por isso, um processo artístico/avaliativo deve orientar-se de acordo com parâmetros como: teoria e prática integrada, ser formativa, coerente e compreendida pelos estudantes e com participação ativa dos mesmos, levando em consideração toda subjetividade no criar que, segundo Libâneo (2006, p.148), resulta num uso cognitivo e metacognitivo na realização das atividades a serem propostas pelo professor e os estudantes.

Para conseguirmos delinear percursos de aprendizagem de arte em sala de aula é preciso alguns posicionamentos didáticos que vão indicar as ações a serem tomadas pelo professor frente a tendência pedagógica desejada. Ferraz e Fusari (2010, p.70), estabelece três atos consideráveis para o professor que planeja sua disciplina ou seu projeto e que tem como centro disso a experiência de crescimento artístico/ cultural dos alunos. Primeiro através de uma sondagem diagnóstica para identificar as possíveis lacunas de conhecimento em arte e cultura que o estudante tem; segundo, organizar atividades que envolvam teoria e prática nas dimensões artísticas, permitindo o aprofundamento de conteúdos e, por último, verificar os estágios de avanço do estudante e as possíveis intervenções nos percursos formativos.

Repensar a ideia de aprendizagem na conjuntura contemporânea é trazer à tona provocações e mudanças nas avaliações vigentes que rodeiam as escolas de educação básica. Ambrósio (2015, p.48) traz a avaliação/registro como lógica aceitável para uma concepção avaliativa de qualidade, que perpassa por elementos estruturais como: investigação, dinamismo, participação, criatividade e continuidade. Ambrósio (2015, p.54) ainda ressalta que, observar - registrar - refletir formam uma tríplice orientação que precisa nutrir qualquer instrumento avaliativo que vise um aprendizado integral. Esse tripé orientador esteve presente nas construções dos 51 portfólios. Villas Boas (2004, p. 38) traz de forma singela uma definição de portfólio

como um conjunto de produções que evidenciam a aprendizagem de um estudante. O portfólio incita a avaliação ao trabalho pedagógico por colocar o educando como protagonista de seu percurso produtivo.

Essa percepção promovida pela experiência construtiva dos portfólios entra em diálogo com a função desempenhada que Hernández (2000, p.165) explana como uma função facilitadora de reconstrução e reelaboração de um processo de ensino aprendizagem que o estudante cumpre mediante sua vivência artística na escola e fora dela.

Para que essa trajetória aconteça nas artes visuais, tendo o portfólio como possibilidade avaliativa, é preciso considerar algumas informações importantes relacionadas ao próprio aspecto construtivo do instrumento em questão. Hernández (2000, p.166) aponta que o primeiro passo ao tratar da construção de um portfólio com estudantes, é estabelecer o propósito do portfólio na disciplina, enquanto possibilidade avaliativa. Isso corrobora com o que Villas Boas (2004, p.59) explica, que o trabalho inicial com portfólios em artes visuais necessita de diretrizes pedagógicas e critérios avaliativos pré-definidos com os próprios estudantes.

Refletir sobre a reordenação de tudo que alimenta o portfólio é super importante, à medida que nessa etapa o estudante exercita sua autoavaliação, suas intenções de aprendizagem sobre tal tópico ou conteúdo. Por último, lembramos que o portfólio é propriedade do estudante e isso implica diretamente na forma que nós, docentes, interagimos com esse estudante e de como poderemos avaliar e ajudar os estudantes a avaliarem seu próprio trabalho dentro desse processo dinâmico e complexo que é jus a essência de um portfólio.

Avaliar é desafiador, e esse desafio faz com que possamos driblar barreiras institucionais, por vezes sistêmicas, quando assumimos o compromisso de fomentar uma educação integral e de qualidade. Torna-se um processo de decisão no qual demanda uma ponderação nas nossas práxis pedagógicas frente a construção de conhecimento que ocorrerá dentro e fora de uma sala de aula.

Neste sentido, como propor a utilização de um instrumento avaliativo em artes visuais que priorize a construção de conhecimento de maneira qualitativa e proporcione uma vivência artística? o portfólio responde tal questionamento.

Um bom aprendizado mantém relação estreita com o tipo de instrumento avaliativo que o docente dentro de sua práxis elenca para mensurar o conhecimento construído de seus educandos. E o resultado dessa mensuração, em sua maioria das vezes, revela muito mais sobre as reflexões necessárias que precisam ser feitas pelos docentes sobre sua didática a partir de uma perspectiva pedagógica emancipatória.

Imagem 1. Estudantes com seus portfólios.

Referências

AMBRÓSIO, Márcia. Avaliação, os Registros e o Portfólio: Ressignificando os espaços educativos no ciclo das juventudes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

Brasil. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curiculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 30 abr. 2024.

FERRAZ, Maria Helena Costa; FUSARI, Maria Fátima Rosa. Arte na educação escolar. 4º edição. São Paulo: Cortez, 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5º Edição. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva. Afetividade e práticas pedagógicas. 2ª Edição. Casa do Psicólogo, 2011.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e; NUNES, Sandra Conceição. A complexa busca da transdisciplinaridade no ensino de arte. In: ANPAP: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas(18º), 2009, Salvador. Anais. Salvador: EDUFBA. 2009. 3830-3842 págs. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sandra_conceicao_nunes.pdf. Acesso em: 26 abr. 2025.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 17º Edição. São Paulo: Libertad, 2007.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 2024. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Notas

[2] Para uma efetiva compreensão textual a palavra ‘Arte’, com inicial maiúscula, refere-se ao componente curricular.
[3] Para uma efetiva compreensão textual a palavra ‘arte’, com inicial minúscula, refere-se a grande área artística.